

IMAGENS DO MEIO RURAL INGLÊS EM “THE RINGS OF SATURN” E “THE ENIGMA OF ARRIVAL”

Gabriel Fernandes de Miranda (UERJ)
Mestrando em Teoria Literária e Literatura Comparada
Maria Conceição Monteiro (UERJ)

Resumo: Neste trabalho pretendi analisar e discutir a imagem do meio rural inglês em duas narrativas ficcionais: *The Enigma of Arrival*, de V.S Naipaul, e *The Rings of Saturn* de W.G Sebald. A partir de um aporte teórico múltiplo, busquei articular uma análise desses livros que compreendesse a formulação textual de imagens discursivas dentro de um espectro histórico de construção referencial do Campo Inglês, relacionando, portanto esses textos de fora da tradição inglesa com a estável imagem do espaço rural transmitida pela literatura pastoral inglesa.

Palavras-Chave: Imagem; Campo; Lugar; Estrangeirismo

Introdução

Em *The Enigma of Arrival* (NAIPAUL, 2011) um narrador não nomeado recebe a oportunidade de viver durante um certo período de tempo em uma *cottage* na Inglaterra, o que lhe permite uma série de caminhadas pelos campos, nas quais observa a natureza e as pessoas que vivem na mesma propriedade. Ao longo do livro, a experiência do narrador é mediada não só por uma visão idílica e gloriosa da Inglaterra, mas também por uma percepção de sua Trinidad de origem como uma ilha pequena, insignificante. Na medida em que o narrador passa mais tempo em seu meio rural ele passa, contudo, a desconstruir sua visão gloriosa da Inglaterra e compreende, por fim, que também o centro do Império está sujeito à ruína, à mudança e ao decair da glória.

Apesar da não nomeação do narrador, o jogo entre ficção e autobiografia é deixado às claras. O narrador possui a mesma origem e a mesma trajetória do autor e no momento de sua instalação no meio rural já é um autor reconhecido no mundo de língua inglesa, assim como V.S Naipaul era na década de 1980.

Em *The Rings of Saturn* (SEBALD, 2016) um narrador também sem nome (mas, como na narrativa de Naipaul, há um jogo de identificação tangencial entre narrador e autor) passa seus dias fazendo caminhadas pela região de *East Anglia*, um local rural. Suas observações passam sempre por digressões históricas na qual o movimento do caminhar acaba levando a ligações inesperadas e a pausas na descrição da paisagem para longas passagens de evocação de episódios ou figuras históricas, desde incursões na história da pesca do arenque em Lowestoft até a narração de massacres terríveis cometidos pela milícia fascista Croata — a Ustasha — durante a Segunda Guerra Mundial.



A narrativa de Sebald certamente é menos convencional do que *The Enigma of Arrival*, tanto por suas digressões históricas quanto por seu uso, dentro do texto, de imagens não-literárias, em sua maioria fotografias, mas contendo também mapas e reproduções de documentos manuscritos. Apesar desses elementos, a obra por vezes constrói textualmente fortes imagens das paisagens pelas quais o narrador caminha, formulando uma trajetória anti-turística de uma Inglaterra esquecida.

A construção de uma imagem do lugar por onde passam as obras há que ser vista também como pertencente a uma longa história de representação do meio rural inglês. Em especial, levarei em conta a contribuição importantíssima de Raymond Williams (1975) em seu “*The Country and the City*”, em que a oposição histórica na literatura entre cidade e campo é analisada exaustivamente e as transformações nas formas de figuração do espaço rural inglês foram estudadas com extrema erudição.

A construção dessas imagens como elemento discursivo será compreendida nesse trabalho através da mescla entre elementos da imagologia de Daniel-Henri Pageaux e do estudo sobre os processos de referenciação de Lorenza Mondada e Danièle Dubois (2016). O objetivo final é demonstrar que tanto Naipaul como Sebald constroem uma imagem própria do meio rural inglês a partir de uma desconstrução textual das imagens convencionais que se colaram a esse espaço imaginário.

A Chegada

Um elemento central em ambas as narrativas é a forma com que a presença dos narradores no campo inglês se faz através de uma visão herdada deste espaço. Tanto em Naipaul como em Sebald, os narradores demonstram desde o início uma afinidade com a tradição literária inglesa e, em especial, com a literatura pastoral, que efetivamente fixou uma imagem do campo pela exaustiva repetição e transformação de uma visão idílica do campo em um estereótipo. Daniel-Henri Pageaux (2011, p.111) caracteriza o estereótipo como a forma de um bloqueio da comunicação, como um enunciado que se repete e que hierarquiza *outro*. Em *The Enigma of Arrival* (doravante EoA) e *The Rings of Saturn* (doravante RoS), os narradores são as testemunhas de um confronto entre a imagem e a experiência. Partindo do enunciado de Pageaux podemos caracterizar esse confronto como uma efetiva luta contra o estereótipo na qual, ao longo das obras, a construção lexical dos lugares dialoga e refuta a imagem estabilizada do campo.

Na obra de Naipaul o cenário da narrativa — uma casa de campo — é estabelecido desde as primeiras páginas como uma parcela do campo inglês e a função comparativa de Trinidad, o local de origem do narrador e também de V.S Naipaul, já é evidente:

*I knew the name of the town I had come to by train. It was Salisbury. It was almost the first English town I had got to know, the first I had been given some idea of (...) Far away in my tropical island, before I was ten. A four-colour reproduction which I had thought the most beautiful picture I had ever seen.*¹ (NAIPAUL, 2011, p. 5)

O primeiro contato com uma ideia de Inglaterra e de Salisbury se dá no passado, em uma “moldura espacial” afastada do presente da narrativa (RONEN, 1986, p.427). A ilha tropical, seu local de origem, provoca um contraste com a paisagem de inverno de Salisbury, mas a construção da imagem em um passado na colônia é bastante sintomática do efeito discursivo de *displacement*². As imagens da Inglaterra aparecem como as mais belas paisagens da terra, provocando um mal-estar da distância clara entre a beleza e a margem, o local de origem.

O enredo de *The Enigma* é permeado pela constante discrepância entre a ideia de Inglaterra e o lugar o qual o narrador experimenta (BRANNIGAN, 2003 apud BORBOR, 2010, p. 104.). É ao longo do enredo que a construção de lugar vai se modificando, assim como se modifica o ponto de vista do narrador não nomeado. Como aponta Taraneh Borbor (BORBOR, 2010, p. 108), em um primeiro momento o narrador enxerga à Inglaterra e ao seu próprio local de origem através da ideia de Inglaterra adquirida de suas leituras e da sua exposição quando pequeno às imagens da paisagem inglesa. A isso soma-se a descrição que o narrador faz daquela pequena região de Wiltshire aonde ele se estabelece.

The solitude of the walk, the emptiness of that stretch of the downs, enabled me to surrender to my way of looking, to indulge my linguistic or historical fantasies; and enabled me, at the same time, to shed the

¹ “Eu sabia o nome da cidade na qual eu havia chegado por trem. Era Salisbury. Era quase a primeira cidade inglesa que eu conheci, a primeira da qual eu tive uma ideia (...) Lá longe em minha ilha tropical, antes de ter dez anos. Uma reprodução de quatro cores que eu achava a imagem mais linda que eu já tinha visto.” (Tradução minha e em diante todas as traduções serão minhas).

² Segundo Ashcroft, a noção de *displacement* tem um valor duplo, pode ser causada pelo deslocamento geográfico do sujeito, que resulta em uma subjetividade fora do lugar no sentido mais simples do termo, e também se dá pela opressão da identidade regional pelo discurso imperial. (ASHCROFT; GRIFFITHS; TIFFIN, 2003)



*nerves of being a stranger in England. Accident — the shape of the fields, perhaps, the alignment of paths and modern roads, the needs of the military — had isolated this little region; and I had this historical part of England to myself when I went walking.*³ (NAIPAUL, 2011, p. 18)

A região na qual o narrador passa a habitar e a percorrer durante longas caminhadas é figurada a princípio como uma parte exemplar da Inglaterra, representante de uma sedimentação histórica única e mantida intocada pelo tempo. A imagem de um meio rural intocado pela História já foi analisada exemplarmente por Raymond Williams (1975, p. 23) como um desenvolvimento histórico da figuração literária do meio rural inglês, com o advento no neo-pastoral de uma imagem do campo como um retiro, metafórico e literal. Essa construção de uma imagem estereotípica do campo como retiro espiritual e corporal reaparece aqui em Naipaul, remanescente das velhas narrativas de que fala Raymond Williams. O narrador de Naipaul, ao trazer para a sua experiência as imagens fixadas pela literatura, vê em Wiltshire o exemplo perfeito das bucólicas paisagens pastorais, nas quais o tempo não passa e aonde existe uma constante permanência de um passado mítico, uma antiguidade indefinida: “[...] *my sense of antiquity, my feelings for the age of the Earth and the oldness of man’s possession of it, was always with me.*”⁴ (NAIPAUL, 2011, p.19)

A construção inicial do campo inglês no romance dialoga e se dá através de imagens estereotípicas desse local fornecidas pela longa sedimentação de textos literários que figuraram o espaço rural da Inglaterra. As formulações de Lorenza Mondada e Danièle Dubois (2016, p.20) quanto ao processo de referenciação são indispensáveis para uma compreensão processual do uso do estereótipo tanto em Naipaul como em Sebald. Dubois e Mondada constroem a ideia de referenciação como um processo linguístico pelos quais objetos, anteriormente denominados referentes, se formam e estabilizam-se socialmente.

Esse efeito de “estabilização”, se unido à construção imagética da literatura parece indicar para um processo que ocorre também textualmente e literariamente. A construção de uma imagem, nesse caso, é sempre a construção de um referente também, e passa pelos

³ “A solidão da caminhada, o vazio daquele trecho das colinas, me permitiu render-me à minha maneira de olhar, para mergulhar nas minhas fantasias linguísticas e históricas; e me permitiu, ao mesmo tempo, abandonar o nervoso de ser um estranho na Inglaterra. Acidentes — a forma dos campos, talvez, o alinhamento de caminhos e estradas modernas, as necessidades dos militares — tinham isolado esta pequena região; e eu tinha essa parte histórica da Inglaterra só para mim quando eu ia caminhar. ”

⁴ “[...] meu senso de antiguidade, meu sentimento pela idade da Terra e a arcaicidade da posse do homem sobre ela estava sempre comigo.”



mesmos processos de estabilização e desestabilização de que falam Mondada e Dubois (2016). Com isso em mente, o estereótipo como imagem incontestável do outro aparece como um enunciado altamente estabilizado, com o qual pode se dialogar, reconstruindo-o ou desestabilizando-o.

Em *The Rings of Saturn*, a prosa de Sebald, em seu caráter quase flutuante, é bem menos indicativa da caracterização que o narrador de EoA faz do campo inglês. Isso ocorre porque a própria emergência de momentos descritivos do entorno do narrador se dá em intervalos espaçados. Entre as caminhadas que o narrador Sebaldiano faz pelo campo se intercalam evocações do passado em fios narrativos que possuem, ao mesmo tempo uma pretensão historiográfica e que também se configuram por uma ambientação onírica. Essa “espectralidade” (WYLIE, 2007) das geografias figuradas por Sebald demonstra um outro tipo de construção textual do campo, mas que, efetivamente, leva ao mesmo efeito de desconstrução da imagem estereotípica e à emergência de uma outra imagem, produzida pelo narrador.

Também em Sebald, a construção da imagem do meio rural é herdeira de uma tradição literária. Sua insistência recorrente em caracterizar as extensões topográficas por onde caminha como locais vazios e pouco habitados se mostra já na primeira página: “*I have seldom felt so carefree as I did then, walking for hours in the day through the thinly populated countryside.*”⁵ (SEBALD, 2016, p.3). Essa aparição esvaziada do campo parece indicar mais uma vez para as formas neo-pastorais de narrar o campo. Segundo Raymond Williams (WILLIAMS, 1975, p.32), as obras desse momento literário se caracterizaram de certa forma pela inviabilização dos trabalhadores do campo e pela caracterização do campo como local de retiro. É inegável que já nas primeiras passagens do livro o narrador estabelece em suas errâncias um certo caráter renovador, iniciando suas caminhadas após o que chama de “dias de cão”, indicando a possibilidade inicial de que o caminhar pelo campo tivesse um efeito curativo e tranquilizador. Mas a sua chegada a um estado de debilidade física, no qual ele se encontra, é logo categorizado como um efeito das suas caminhadas, negando e subvertendo a função de refúgio do campo.

Rapidamente a narrativa de Sebald passa à sua mais característica ferramenta, a evocação do passado em linhas sucessivas de acasos e ligações quase invisíveis. A

⁵ “Eu raramente me senti tão livre de preocupações quanto eu me sentia então, andando por horas no dia através do campo escassamente povoado.”



construção da imagem do meio rural em RoS é menos dependente de uma visão estereotípica desse espaço como ocorre em *The Enigma of Arrival* e, de fato, a narrativa Sebaldiana não se estrutura da mesma forma linear de desenvolvimento de personagem que a de Naipaul. Ao contrário, a imagem do campo inglês nas partes iniciais do livro está longe do espaço idílico tradicional. O estabelecimento do cenário inicial — a viagem de Norwich à Lowestoft — já indica a presença nesse espaço de uma decadência inerente, de uma presença irrevogável do passado nessas paisagens. Na planície que se estende até o mar, Sebald aponta novamente para o vazio do meio rural:

*Save for the odd solitary cottage there is nothing to be seen but the grass and the rippling reeds, one or two sunken willows, and some ruined conical brick buildings, like relics of an extinct civilization.*⁶
(SEBALD, 2016, p. 30)

A aparição dessas construções cônicas — reveladas por uma foto inserida no texto e por um trecho logo em seguida como sendo antigos moinhos — é a aparição inicial de um tema e uma imagem que perpassa todo o texto. A obsessão do narrador pelas ruínas do passado e pelo vazio do campo são elementos incontornáveis da prosa de Sebald. Essas ruínas de uma “civilização extinta” são indícios de que Sebald, de forma menos clara que Naipaul, está também se utilizando da imagem literária convencional do campo. O passado desses moinhos, quando não eram apenas ruínas aparece textualmente muito mais colorido e iluminado do que a melancólica presença deles ao narrador: “*I was once told by someone who could remember the turning sails in his childhood, that the white flecks of the windmills lit up the landscape just as a tiny highlight brings life to a painted eye.*”⁷ (Idem)

Em seguida, o narrador de RoS avança para seu primeiro destino, Somerleyton Hall, uma velha mansão da nobreza inglesa. A evocação do passado ilustre dessa propriedade e sua eventual passagem, no século XIX, a um industrial em ascensão que a reformou com todo afincado contrasta diretamente com o estado arruinado em que a mansão é encontrada pelo narrador. A caracterização dessa mansão se dá de forma a indicar que se

⁶ “A não ser pela singular e solitário chalé, não havia nada para ser visto senão a grama e o junco ondulante, um ou dois salgueiros afundados, e algumas construções cônicas em ruínas, como relíquias de uma civilização antiga.”

⁷ “Alguém uma vez me disse que podia se lembrar das velas girando na sua infância, que as manchas dos moinhos de vento iluminavam a paisagem assim como pequenos realces dão vida a um olho pintado.”



trata apenas de um exemplo particular de um fenômeno geral. Após enumerar os luxuosos mantimentos que deviam chegar pela ferrovia — a mesma pela qual chega o narrador — para manter a propriedade, o narrador aponta:

*And now there was nothing any more, nobody, no stationmaster in gleaming peaked cap, no servants, no coachman, no house guests, no shooting parties, neither gentlemen in indestructable tweeds nor ladies in stylish travelling clothes.*⁸ (SEBALD, 2016, p. 30)

A construção recorrente do passado em relação ao presente e as comparações entre os diferentes momentos de certos lugares implicam em uma positividade do passado quando colocado diante do presente. A pompa e a glória dos séculos XIX e XX são colocados em oposição à ruína dos lugares que, em outro momento, representaram toda uma ordem social. Essas comparações que faz o narrador de RoS apontam justamente para um saudosismo do passado, ao menos nos trechos iniciais do livro. No início do livro, os resgates do passado operados no texto Sebaldiano estão de acordo com o tom elegíaco e saudosista que está presente, segundo Williams, nas imagens fixadas por textos pastorais, especialmente na poesia de George Eliot, que recupera um passado antigo no campo que serve à construção discursiva de um espaço nacional inglês (WILLIAMS, 1975, p.257-258).

Em todas as ocasiões em que o passado é caracterizado positivamente, contudo, outra caracterização é evocada para desestabilizar a imagem saudosista que se forma. Esse mecanismo textual constrói o meio rural inglês como uma paisagem sedimentada com diversas camadas de passado, desconstruindo a estabilidade da imagem convencional do campo como refúgio da passagem do tempo.

De formas distintas, as duas obras operam inicialmente com imagens estereotípicas do meio rural inglês. E, também de formas distintas — através do desenvolver do ponto de vista do narrador em *The Enigma of Arrival* e por uma repetição da negação do passado glorioso do campo inglês em *The Rings of Saturn* — promovem o que, no vocabulário da referência, chamaríamos de *desestabilização* do referente:

⁸ “E agora não havia mais nada, mais ninguém. Nenhum chefe de estação em um boné lustroso, nenhum criado, nem cocheiro, nenhum convidado, nem grupos de caça nem senhores em tweeds indestrutíveis, nem senhoras em roupas de viagem estilosas.”.



De um ponto de vista linguístico, quando um contexto discursivo é reenquadrado, as categorias podem ser reavaliadas e transformadas, juntando diferentes domínios, como nas metáforas, recategorizações ou metalepses. A variação e a concorrência categorial emergem notadamente quando uma cena é vista de diferentes perspectivas, que implicam diferentes categorizações da situação, dos atores e dos fatos. A “mesma” cena pode, mais geralmente, ser tematizada diferentemente e pode evoluir – no tempo discursivo e narrativo – focalizando diferentes partes ou aspectos. Este domínio pode ser abordado considerando os recursos linguístico que servem para tematizar uma entidade, para sublinhar a saliência de um aspecto específico ou de uma propriedade de um objeto, para atrair a atenção do leitor para uma entidade particular (MONDADA; DUBOIS, 2016, p.25)

A imagem estabilizada do campo inglês, seja como refúgio, seja como local detentor de um passado que merece elogios, é refutada nas duas obras justamente pela série de mecanismos que Mondada e Dubois apontam acima. A caracterização e o uso de elementos textuais podem desestabilizar um componente referencial, como ocorre em Naipaul e em Sebald. O enunciado altamente estabilizado da imagem estereotípica do campo, definida nos séculos XVIII e XIX na literatura Inglesa, é resgatado nas duas obras e re-figurado de forma à desconstruí-lo. O que a desestabilização da imagem promove é uma abertura novamente do processo de referenciação da imagem do campo

O Campo em Ruínas

Na obra de V.S Naipaul é somente ao desenrolar do tempo narrado que a construção do mito da “*Englishness*”⁹ e de uma antiguidade que está relacionada à insistente imagem pastoral de uma Velha Inglaterra de ouro (WILLIAMS, 1975, p.12) vai se dissolvendo e o narrador passa a um outro ponto de vista, aos poucos desvelando que a glória bucólica do cenário é uma criação discursiva e imaginária descolada da experiência do próprio narrador na Inglaterra.

*Here was an unchanged world(...) So it seemed to me when I first became aware of the country life(...) But that idea of an unchanging life was wrong. Change was constant. People died; people grew old; people changed houses(...) That was one kind of change. My own presence in the valley, in the cottage of the manor, was an aspect of another kind of change.*¹⁰ (NAIPAUL, 2011 p. 32)

⁹ É Taraneh Borbor que aponta a ligação do narrador de *The Enigma of Arrival* com o mito discursivo dessa “inglesidade” herdada justamente da tradição literária inglesa. (BORBOR, 2015, p.108).

¹⁰ “Aqui estava um mundo inalterado(...) Assim me pareceu quando eu me tornei ciente pela primeira vez da vida no campo(...) Mas essa ideia de uma vida imutável estava errada. A mudança era constante.



Em um longo processo que acompanha o enredo — a vida do narrador e de sua observação da paisagem e dos personagens que povoam a propriedade de seu senhorio — o ponto de vista inicial de um local a-histórico se modifica para uma visão ligada à inevitável decadência de tudo e de todos, o espaço se tornando então signo da imposição do tempo. A consciência e construção textual do narrador como *outsider* serve à construção do espaço narrativo como um lugar aonde se está eternamente des-locado, impondo uma transitoriedade àquele espaço que, ao início da narrativa, é visto como um retiro do próprio passar do tempo.

Ao demarcar sua diferença cultural e sua origem *outra*, a construção de lugar no livro de Naipaul acaba subvertendo formas comuns de narrar o campo inglês, impondo uma *re-escritura* daquele local que é, de certa maneira, uma sinédoque para a própria construção discursiva de uma nacionalidade Inglesa¹¹. O próprio ato de re-escrever esse espaço da *Englishness* sem cair na perpetuação de imagens estereotípicas se configura, então, como ato de resistência na medida em que reinventa também as escritas de viagens no modelo europeu que tenderam a cristalizar imagens simplistas e exotizantes dos espaços coloniais.

Em *The Rings of Saturn* a construção discursiva do campo se dá de forma bem menos direta do que na obra de Naipaul. De fato, a desestabilização do estereótipo do campo e a criação de uma nova categorização desse espaço se dão quase ao mesmo tempo na narrativa. Ao invés de seguir uma desconstrução e construção linear que acompanha o enredo como faz o narrador de EoA, o narrador Sebaldiano utiliza do mecanismo da repetição do encontro com o passado inglês, e logo em seguida negando o tom elegíaco e saudosista que ele mesmo estabelece para a história do campo inglês.

A constante repetição desse procedimento¹² alcança um efeito final bastante parecido com aquele mais linear do narrador de Naipaul. Ao longo da obra a imagem de

Pessoas morriam; pessoas envelheciam; pessoas mudavam de casas(...). Essa era um tipo de mudança. A minha própria presença no vale, no chalé da casa senhorial era um aspecto de outro tipo de mudança.”

¹¹ Williams aponta para o uso do passado rural e da imagem literária do campo como elementos fundadores para o patriotismo inglês do auge Imperialista. (WILLIAMS, 1975p.258).

¹² A repetição e o intercalar de coincidências é caracterizado por Joanne Catling como a forma que Sebald utiliza para mover suas narrativas para frente, promovendo um sentimento de avanço na leitura. (CATLING, 2003, p. 46 apud WYLIE, 2003, p.175)



um campo idílico e a-histórico se desmancha, ao mesmo tempo que se desmancha também a imagem do passado glorioso, seguindo em seu lugar uma apologia da ruína.

O somatório dos eventos narrados em que o processo de decadência transforma a paisagem em ruína leva a uma imagem final do meio rural que se assemelha também àquela da narrativa de Naipaul. Assumindo um tom abertamente mais melancólico e pessimista, o narrador Sebaldiano indica para a mesma terra arrasada de *The Enigma of Arrival*. A beleza e o esplendor da natureza rural se demonstram fugidios e sujeitos também ao movimento universal de destruição. A imagem que se estabiliza através da categorização de Sebald é de um meio rural arruinado, de caráter fantasmagórico, no qual o passado está sempre presente de uma forma espectral e se forma justamente pela cuidadosa interposição de imagens do sublime e do horror que as ruínas podem provocar (WYLIE, 2003, p.179).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A desestabilização do estereótipo pastoral do campo inglês em Sebald e em Naipaul se dá de formas distintas, mas pode ser vista como um processo que deve principalmente à posição de fora dos dois narradores autobiográficos. O narrador Sebaldiano e sua origem alemã e o narrador de Naipaul e sua origem das margens do Império Inglês recolocam em perspectiva um local símbolo da nacionalidade inglesa. Esse primeiro movimento estabelece o fio das narrativas e é central na construção de uma nova imagem inglesa. É a partir da posição de *outsiders* que esses narradores enxergam a Inglaterra e é dialogando com a tradicional imagética de elogio ao campo das narrativas pastorais que eles reescrevem o meio rural.

A evocação de formas estereotípicas de ver o espaço rural da Inglaterra se demonstra, nas duas obras, como uma estratégia justamente para iniciar o desmonte dessas imagens estáveis. A colocação de Andreas Huyssen a respeito da ruína parece ser um bom indício dos usos dessa imagética em *The Enigma of Arrival* e *The Rings of Saturn*:

In the ruin, history appears spatialized and built space temporalized. An imaginary of ruins is central for any theory of modernity that wants to be more than the triumphalism of progress(...) the modern imaginary of ruins remains conscious of the dark side of modernity(...) It



*articulates the nightmare of the Enlightenment that all history might ultimately be overwhelmed by nature [...]*¹³ (HUYSSSEN, 2006, p.13)

A partir deste entendimento da ruína, as narrativas de Sebald e Naipaul tomam uma nova dimensão. A desestabilização da imagem convencional e a construção de uma nova imagem do meio rural inglês pela categorização deste como local de ruína atesta para muito mais do que apenas um diálogo com a tradição literária inglesa. Para além da reconstrução da figuração do campo, *The Enigma of Arrival* e *The Rings of Saturn* imputam ao espaço rural inglês uma característica dupla. Figurado como espaço da ruína, o campo é imaginado como uma testemunha da falência da modernidade e, ao mesmo tempo como elemento de nostalgia pelo projeto moderno inalcançável.

O elemento nostálgico que Huyssen aponta na imagem da ruína certamente aparece nos textos estudados e se articula bem com a constante evocação de um passado perdido em ambas as obras. O retorno da arquitetura à natureza anunciado por Huyssen (2006) é elemento central da figuração do campo em EoA e RoS. O valor duplo da ruína aponta a uma volta ao natural e, ao mesmo tempo, aponta uma nostalgia pelo projeto perdido da modernidade. Nesse sentido, o processo de referenciação que ocorre nos textos desestabiliza ao mesmo tempo que lamenta a perda do passado pastoral. A imagem pastoral e seu abandono em favor da imagem da ruína é um elemento de assombro e de afeto para estes dois narradores que parecem, por fim, perturbados pela impossibilidade do retorno do passado.

A estabilização do campo como ruína nas duas obras pode ser entendida como parte necessária de uma construção *de fora* da imagem do campo inglês. Ao categorizar esse espaço de identidade nacional e de nostalgia literária como uma terra de ninguém, Naipaul e Sebald articulam uma crítica também à própria projeção de uma identidade inglesa neste espaço. No ambiente em que narram, tanto o campo como a *Englishness* parecem ser locais discursivos vazios e em ruínas.

Referências bibliográficas

¹³ “Na ruína a história aparece especializada e o espaço construído, temporalizado. Um imaginário de ruínas é central para qualquer teoria da modernidade que queira ser mais do que um triunfalismo do progresso(...) o imaginário moderno das ruínas permanece consciente do lado negro da modernidade(...) Ele articula o pesadelo do Iluminismo de que toda a história possa, por fim, ser dominada pela natureza[...].”

BORBOR, Taraneh. *Towards a New Geographical Consciousness: A Study of Place in the Novels of V.S Naipaul and J.M Coetzee*. 2010. 291 f. Tese (Doutorado em Literatura Inglesa). The University of Sussex, Brighton, 2010.

FORTIN-TOURNÈS, Anne-Laure “The Ruin as *Kairos* in W. G. Sebald’s *The Rings of Saturn*”, *Études britanniques contemporaines*, n. 43, 2012, 153-162.

HALL, Stuart. “Pensando a Diáspora” In: _____; SOVIK, Liv (org.) *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Trad. Resende, Adelaine La Guardia; Escosteguy, Ana Carolina; Álvares, Cláudia; Rüdiger, Francisco Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HUYSSSEN, Andreas. “Nostalgia for Ruins”. *Grey Room*, n. 23, p. 6-21, 2006.

MONDADA, Lorenza.; DUBOIS, Danièle. “Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referência”. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (Orgs.). *Referênciação - Clássicos da Linguística*. São Paulo: Editora Contexto, 2016, p. 19-51.

NAIPAUL, V.S. *The Enigma of Arrival*. London: Picador, 2011 (1987)

PAGEAUX, Daniel-Henri. “Elementos para uma Teoria Literária: Imagologia, Imaginário, Polissistema”. In: _____. *Musas na Encruzilhada: Ensaios de Literatura Comparada*. Orgs.: M. Marinho; D.A Silva; R.K Umbach. São Paulo: HUCITEC, UFSM, 2011, p. 109-126.

RONEN, Ruth. “Space in Fiction”. *Poetics Today*., Durham, v. 7, n. 3, p.421-438, 1986.

SEBALD, W.G. *The Rings of Saturn*. Trad. Michael Hulse. New York: New Directions, 2016. (1998)

WILLIAMS, Raymond. *The Country and The City*. New York: Oxford University Press, 1975.

WYLIE, John. “The spectral geographies of WG Sebald”. *cultural geographies*, v. 14, n. 2, p. 171-188, 2007.